

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

INFORMAÇÃO, GÊNERO E MASCULIDADES NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER DE PRÓSTATA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO PROJETO SEMENTE AZUL

José Carlos Sales dos Santos, Universidade Federal da Bahia (UFBA),
<https://orcid.org/0000-0003-1758-3639>, Brasil, jsalles@ufba.br

Fabiana Costa Lavigne, Universidade Federal da Bahia (UFBA),
<https://orcid.org/0009-0000-5343-9672>, Brasil, fabianacostaufba@gmail.com

Ivana Aparecida Borges Lins, Universidade Federal da Bahia (UFBA),
<https://orcid.org/0000-0003-0422-4135>, Brasil, ivana.lins@gmail.com

Eixo: Gênero, Pós-Colonialismo e Multiculturalidade

1 Introdução

As discussões atinentes às temáticas de gênero e saúde têm ganhado relevo e complexidade no escopo de pesquisas multidisciplinares, sobretudo quando articulam domínios de conhecimento, como a Ciência da Informação (CI) e a Psicologia. Nos últimos anos, os diálogos dos referidos domínios vêm se aprofundando, tensionando paradigmas que antes delimitavam fronteiras rígidas entre ciência, cultura e subjetividade.

No contexto específico do câncer de próstata, denominada de neoplasia maligna de elevada incidência entre homens no Brasil e no mundo, é urgente compreender como informações relacionadas ao corpo, ao adoecer e à sexualidade são elaboradas, filtradas, negadas ou ressignificadas por sujeitos que vivenciam a experiência do adoecimento. A presente urgência se estabelece na medida em que o câncer de próstata, que também representa uma questão biomédica relevante, convoca múltiplas dimensões simbólicas que atravessam a construção das masculinidades.

Sabe-se que a masculinidade, distante da dimensão exclusiva da biologia ou condição natural, constitui-se enquanto construção social, histórica e cultural, atravessada por relações de poder, heranças patriarcais e normas discursivas que orientam o

comportamento, as expectativas e as formas de expressão dos homens em diferentes contextos. Assim, os arquétipos hegemônicos de masculinidade, engendrados nas lógicas patriarcais, coloniais e monoculturais, exercem uma patente influência nas práticas de cuidado, no reconhecimento de vulnerabilidades e no modo como informações de saúde são procuradas, acolhidas e apropriadas. Os citados arquétipos moldam um ideal de homem invulnerável, autossuficiente e avesso a expressar fragilidades, configurando barreiras simbólicas que impactam diretamente na maneira como enfrenta o adoecimento, adere a exames preventivos e dialoga acerca da sexualidade, corpo e saúde mental.

Assim, discutir as relações entre informação, gênero e masculinidades, especialmente no contexto da experiência oncológica, significa revisitar os modos como o conhecimento circula e se materializa na prática social. A informação, compreendida na perspectiva crítica, não é neutra; ao contrário, reflete e reforça valores, crenças e hierarquias, podendo tanto reproduzir silêncios quanto fomentar aberturas de emancipação. Investigar as barreiras informacionais que atravessam o percurso de homens acometidos pelo câncer de próstata é, também, reconhecer as dimensões subjetivas que permeiam as

práticas informacionais, os processos comunicacionais e os espaços de construção de sentido.

A presente pesquisa insere-se na tessitura em tela, propondo uma reflexão situada a partir do **Grupo Operativo Semente Azul**, que reúne homens em tratamento oncológico em um hospital filantrópico de referência, localizado em Salvador, Bahia (Brasil). O Semente Azul constitui-se como um projeto que reconhece a informação como um elemento central da promoção da saúde, entendendo-a não apenas como dado técnico-científico, mas como prática cultural que se entrelaça a significados, relações de poder e condições históricas. O projeto parte do pressuposto de que, para muitos homens, lidar com o diagnóstico de câncer de próstata implica confrontar a doença em si, assim como o imaginário de masculinidade que silencia dores, sexualidades e fragilidades.

Nesse sentido, o **Grupo Operativo Semente Azul** propõe um deslocamento epistemológico e prático: transformar o hospital — tradicionalmente visto como lugar de silêncio e normatização — em um espaço de fala, escuta e ressignificação. Por meio de encontros mediados por profissionais de saúde, psicólogos e pesquisadores da CI, os participantes são convidados a compartilhar experiências, temores, dúvidas e aprendizados. Nos encontros, discute-se desde o exame de toque retal, que é frequentemente cercado de constrangimentos e piadas que reforçam o tabu, até o impacto emocional da disfunção erétil, que para muitos homens se torna uma ameaça simbólica à sua identidade de gênero.

A escolha de abordar a experiência masculina no enfrentamento do câncer de próstata a partir de uma perspectiva interseccional e multidisciplinar justifica-se, sobretudo, pela necessidade de tensionar uma compreensão biomédica que, por vezes, reduz o adoecimento a indicadores estatísticos e protocolos clínicos, negligenciando as subjetividades e os contextos socioculturais. Ao articular Psicologia e Ciência da Informação, a presente pesquisa procurou discutir a dimensão relacional da informação, que se

concretiza na troca entre pares, na mediação crítica e no fortalecimento de redes de apoio.

A proposta assume como premissa que a promoção da saúde não se restringe a campanhas de conscientização ou à prescrição de condutas médicas, mas envolve, de forma indissociável, o acesso, a circulação e a apropriação de informações culturalmente situadas. No cenário proposto, o Grupo Operativo opera como prática de mediação informacional que reconhece as especificidades de homens que, em geral, são oriundos de contextos populares, muitas vezes negros, idosos e com históricos de escolarização limitada. Esses marcadores interseccionais se somam aos tabus associados ao câncer de próstata, construindo um território simbólico permeado de silêncios, resistências e, simultaneamente, potências de reexistência.

Na trajetória metodológica, a pesquisa está ancorada em um procedimento monográfico (estudo de caso), como defende Yin (2005), sendo o nível da investigação de natureza descritiva (Köche, 2016). O método privilegia a compreensão aprofundada de fenômenos sociais complexos em situações específicas, permitindo analisar como as construções de gênero e as práticas informacionais se articulam na experiência vivida de homens diagnosticados com câncer de próstata. Para tanto, adotaram-se técnicas como observação sistemática, grupo focal — que amplia a escuta coletiva — e o **grupo operativo**, conceito desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista argentino Enrique Pichon Rivière (1907–1977), cujo enfoque privilegia a análise das interações grupais como instrumento de transformação individual e coletiva.

Os primeiros resultados empíricos evidenciam nuances importantes. O constrangimento em realizar o exame de toque retal, ainda visto por muitos como violação simbólica da masculinidade, reflete a força de narrativas que associam o cuidado prostático à homossexualidade ou à perda de autonomia. Outro ponto recorrente nos relatos é a resistência ao uso de medicamentos como a Tadalafila, voltados ao tratamento da

disfunção erétil, tema que desencadeia angústias e conflitos subjetivos, uma vez que a potência sexual é comumente tratada como índice de virilidade e afirmação de masculinidade. Esses elementos ilustram como práticas de saúde aparentemente técnicas se imbricam a camadas culturais e psicológicas que, se ignoradas, podem comprometer adesões terapêuticas e aprofundar sofrimentos.

Assim, a experiência do câncer de próstata, para os homens da amostra desta pesquisa, não se esgota no diagnóstico biomédico, mas se expande para o campo simbólico das masculinidades, convocando reflexões que entrelaçam identidade, corpo e informação. A análise preliminar indica que o silêncio em torno do corpo masculino adoecido não é uma ausência de fala, mas resultado de processos históricos que moldaram o que pode ou não ser dito, sentido e partilhado. Daí a relevância de compreender a informação não como produto acabado, mas como prática que pode tanto reproduzir estigmas quanto abrir brechas para a reinvenção de si.

Ao tensionar as relações entre Psicologia e CI, a presente investigação propõe um diálogo fecundo sobre o papel das práticas informacionais no cuidado integral à saúde do homem. A mediação da informação, entendida aqui como prática crítica, pode contribuir para desestabilizar barreiras simbólicas, incentivar a circulação de narrativas alternativas e fortalecer a autonomia dos sujeitos. Nesse sentido, o Grupo Operativo Semente Azul torna-se uma experiência que vai além do acolhimento psicológico: é também um dispositivo de produção de sentidos, que legitima saberes populares, valoriza a escuta horizontal e reconhece a pluralidade das vivências masculinas.

Portanto, ao inaugurar este artigo com tais reflexões, reafirma-se a relevância de articular saberes interdisciplinares, comprometidos com a complexidade dos fenômenos sociais. A interface entre gênero, saúde, informação e subjetividade aponta para a necessidade de repensar políticas públicas, protocolos clínicos e práticas de cuidado. Mais do que disseminar conteúdos, a informação, em sua acepção mais

potente, deve operar como ferramenta de emancipação, possibilitando que homens, historicamente silenciados em relação ao autocuidado, encontrem espaços para reexistir, negociar suas vulnerabilidades e reinventar modos de ser.

Assim, ao longo das seções que se seguem, o artigo aprofundará, primeiro, os constructos teóricos relacionados ao câncer de próstata e o enfrentamento atinente ao tratamento para, na seção seguinte, discutir os tópicos relacionados ao gênero e a masculinidades, situando-os no contexto das estruturas patriarcais que condicionam a saúde do homem. Na sequência, apresentará os procedimentos metodológicos, detalhando o percurso da pesquisa junto aos participantes do hospital filantrópico de referência. Por fim, analisará os resultados, propondo uma leitura crítica sobre como as práticas informacionais podem ser resignificadas como espaços de escuta, diálogo e transformação social.

2 Câncer de próstata e implicações psicossociais

O câncer de próstata é uma das principais causas de morbimortalidade masculina no Brasil, ocupando o segundo lugar em incidência entre homens e mulheres transgênero, com cerca de 70 mil novos casos registrados a cada ano (INCA, 2023). Sua fisiopatologia está ligada a múltiplos fatores, incluindo predisposição genética, alterações hormonais e influências ambientais, sendo o diagnóstico precoce um fator crítico para aumentar as chances de sobrevivência. Além dos sintomas físicos, a doença frequentemente desencadeia consequências emocionais e sociais, como impacto na sexualidade, complicações urinárias e mudanças na percepção corporal, muitas vezes exacerbadas por estereótipos culturais que associam masculinidade à resistência física e emocional. Diante desse quadro, torna-se essencial adotar uma abordagem integrada, combinando terapias médicas, suporte psicológico e estratégias de reabilitação para garantir um cuidado abrangente.

Pesquisas recentes apontam que a maneira como o câncer de próstata é percebido socialmente vai além de questões puramente médicas, refletindo crenças culturais e morais enraizadas. Um estudo conduzido por Matos e colaboradores (2024) revelou que muitos pacientes associam a doença a falhas pessoais ou a um "castigo" por comportamentos considerados inadequados, influenciados por visões religiosas e normas sociais tradicionais. Essa narrativa, além de aumentar o estigma, mascara fatores socioeconômicos que dificultam o acesso a cuidados preventivos e tratamentos adequados. Entender essas percepções é fundamental para desenvolver políticas de saúde mais inclusivas, capazes de romper barreiras culturais que afastam os homens dos serviços de saúde.

Do ponto de vista epidemiológico, análises recentes baseadas em dados do sistema público de saúde (DATASUS) mostram um aumento gradual nos casos de internação por câncer de próstata na última década, com um pico de mortalidade em 2020, quando a taxa chegou a quase 10 mortes por 100 mil habitantes. A maior incidência ocorre em homens entre 60 e 69 anos, reforçando a importância de campanhas de detecção precoce voltadas para essa faixa etária. No entanto, a falta de dados detalhados por raça/cor e inconsistências nos registros hospitalares dificultam a implementação de ações direcionadas, evidenciando a necessidade de melhorias nos sistemas de informação e na qualificação dos profissionais de saúde.

Nos últimos anos, os avanços na medicina têm proporcionado novas possibilidades no diagnóstico e tratamento do câncer de próstata. Segundo Coelho et al. (2025), a incorporação de tecnologias como ressonância magnética de alta precisão e tomografia por emissão de pósitrons (PET-CT) com marcadores específicos tem permitido diagnósticos mais precisos e tratamentos menos invasivos. No entanto, os autores destacam que o sucesso terapêutico depende não apenas de recursos tecnológicos, mas também de uma abordagem personalizada, que considere as necessidades

individuais do paciente e promova uma relação colaborativa entre médicos e pacientes.

A disseminação de informações claras e a participação ativa do paciente nas decisões clínicas são elementos-chave para melhorar os resultados e a qualidade de vida.

Diante desses desafios, fica claro que o enfrentamento do câncer de próstata exige uma estratégia multifacetada, que una avanços médicos, políticas públicas eficientes e uma mudança cultural em relação à saúde masculina. Somente com uma visão integrada será possível reduzir não apenas os efeitos físicos da doença, mas também seus impactos psicológicos e sociais.

3 Constructos Sociais do Gênero e Masculinidades

A perspectiva de gênero, recuperada na presente investigação, compreende as masculinidades como construções sociais, culturais e históricas, atravessadas por relações de poder, interseccionalidades e contextos situados. Em outros termos, ser homem não é entendido como uma essência biológica determinada, mas como um lugar de práticas, discursos e performances que variam no tempo e no espaço, e que são constantemente tensionados por normas, disputas simbólicas e experiências de resistência.

No Brasil, a temática das masculinidades ganha cada vez mais relevo nas investigações no campo das ciências humanas, revelando uma preocupação crescente em compreender as múltiplas maneiras de constituir-se "homem" em contextos marcados por desigualdades estruturais, heranças coloniais e múltiplos atravessamentos sociais.

Em pesquisa voltada para o mapeamento da produção científica nacional, Pamplona e Barros (2021) evidenciam que os estudos sobre masculinidades avançam no sentido de desnaturalizar os papéis de gênero, problematizando como a condição masculina é atravessada por marcadores como raça, classe, geração e sexualidade.

Essa pluralidade de abordagens tem permitido, inclusive, o diálogo com outras

áreas do saber, como a Psicologia, a Educação, a Saúde Coletiva e, mais recentemente, a Ciência da Informação. Nesse campo, há um movimento de expansão do entendimento sobre o papel da informação na vida social, reconhecendo-se que o acesso, o uso e a apropriação de informações não são neutros, mas se dão de forma situada, filtrados pelas experiências, valores, crenças e práticas culturais dos sujeitos (Santos; Nascimento Neto, 2023).

Nesse cenário, o debate atinente às masculinidades consolida-se como tema emergente para os estudos em Ciência da Informação, ao evidenciar que ser homem é uma identidade em disputa, constantemente negociada em espaços formais e informais de circulação de saberes.

Múltiplos estudos demonstram como as masculinidades hegemônicas — marcadas por ideais de força, autossuficiência, racionalidade e poder — moldam não apenas as relações interpessoais, mas também as práticas de busca, compartilhamento e uso da informação. Desse modo, compreender as masculinidades implica analisar como homens, em diferentes contextos, acessam, interpretam e ressignificam informações, sobretudo aquelas relacionadas ao cuidado de si, à saúde e à sexualidade.

Tavares e colaboradores (2020), ao analisarem a construção das masculinidades na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), demonstram que as chamadas “escolas técnicas” vão muito além de espaços destinados à formação profissional. Esses ambientes operam como territórios de produção de subjetividades masculinas, onde valores como disciplina, racionalidade e produtividade se entrelaçam a expectativas de desempenho, liderança e autoridade. Esses elementos, historicamente associados a modelos de masculinidade hegemônica, são, por sua vez, tensionados pelas vivências cotidianas de jovens que performam masculinidades plurais, por vezes híbridas, que escapam aos padrões normativos e revelam as fissuras do modelo dominante.

A tensão entre a norma e as múltiplas vivências torna-se ainda mais evidente quando

se introduzem os atravessamentos raciais, territoriais e de classe. Gomes et al. (2008) argumentam que, no Brasil, as masculinidades negras carregam marcas de vulnerabilização social e, simultaneamente, de resistência e criação de novas narrativas de si. O racismo estrutural, aliado a desigualdades socioeconômicas históricas, constrói barreiras concretas que afetam o acesso de homens negros a direitos fundamentais como saúde, educação, trabalho digno e participação política. Essas barreiras não se limitam à dimensão econômica; alcançam também o simbólico e o subjetivo, afetando as formas como esses homens buscam, recebem e se apropriam de informações essenciais para sua autonomia e bem-estar.

Ao deslocar a lente para o campo informacional, Oliveira, Brito e Lopes (2023) reforça que a mediação da informação não pode mais se sustentar em modelos universalizantes, que ignoram contextos, trajetórias e singularidades. Sua pesquisa evidencia como as práticas informacionais podem (ou não) contribuir para processos de emancipação social.

Os autores problematizam a neutralidade suposta dos fluxos informacionais, mostrando que a circulação do conhecimento tende a reproduzir desigualdades estruturais quando não se abre para a escuta de saberes periféricos. Desse modo, torna-se urgente que práticas de mediação da informação operem como pontes críticas, capazes de questionar hierarquias de saber, acolher experiências marginalizadas e criar espaços para que novos significados circulem e se solidifiquem.

A partir dessas reflexões, é possível afirmar que a concepção de uma masculinidade invulnerável — construída historicamente como um ideal a ser perseguido — ainda paira sobre práticas cotidianas, silenciando dores, impedindo homens de expressarem fragilidades e limitando, muitas vezes, o cuidado com o próprio corpo e a saúde mental.

Tal ideal de invulnerabilidade reforça barreiras internas e externas: de um lado, os homens evitam buscar ajuda por medo de serem percebidos como fracos; de outro, as instituições muitas vezes não se estruturam

para acolher as especificidades masculinas de forma não estigmatizante. No entanto, observa-se, sobretudo entre gerações mais jovens, uma disposição crescente para revisitar essa narrativa única de masculinidade, dando lugar a práticas mais plurais, dialógicas e abertas ao reconhecimento de afetos, vulnerabilidades e solidariedades.

Esse deslocamento é um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para instituições educacionais, profissionais da saúde, bibliotecários, comunicadores e gestores de políticas públicas revisarem suas metodologias, linguagens e estratégias de acolhimento. Criar espaços seguros de diálogo é, antes de tudo, reconhecer que o silêncio masculino em relação a certos temas — como a saúde sexual e reprodutiva, o câncer de próstata, a paternidade ou as violências — não é natural, mas construído. A quebra desse silêncio não se faz sem resistência, mas se mostra essencial para uma transformação mais ampla das práticas de cuidado e das relações informacionais.

Assim, a perspectiva interseccional não deve ser vista como um recurso teórico complementar, mas como condição epistemológica indispensável para compreender como se dão as masculinidades em contextos permeados por múltiplas opressões. Reconhecer que raça, gênero, classe, orientação sexual, território e geração se articulam de forma complexa permite abrir espaço para práticas informacionais mais equitativas, que não apenas forneçam dados, mas também questionem narrativas dominantes, promovam autonomia e contribuam para reverter silêncios históricos.

Apesar dos desafios ainda imensos, como a persistência de estigmas, resistências institucionais e uma estrutura social que reforça padrões excludentes, as experiências destacadas nos estudos revisados demonstram que há fissuras pelas quais emergem outras masculinidades.

Na Educação Profissional e Tecnológica, jovens tensionam normas estabelecidas e experimentam novas formas de ser homem. Nos territórios negros, comunidades e coletivos reinventam saberes e estratégias de

cuidado que escapam à tutela do Estado e se fortalecem na solidariedade. No campo informacional, multiplicam-se iniciativas que procuram democratizar o acesso à informação, valorizando repertórios culturais diversos e práticas contra-hegemônicas.

Diante de tudo isso, o referencial teórico aqui mobilizado sustenta a relevância de entender as masculinidades como fenômenos relacionais, performativos e situados. Não se trata de um conceito fixo, mas de uma prática discursiva, atravessada por relações de poder e resistências cotidianas. Tal compreensão fortalece o compromisso com abordagens críticas e sensíveis, que articulem saberes da Educação, dos Estudos de Gênero, da Saúde Coletiva, da Psicologia e da Ciência da Informação, reafirmando a centralidade da informação como instrumento de mediação entre sujeitos, territórios e políticas públicas.

É com base nesse arcabouço teórico que a presente investigação se ancora. Procura-se compreender de que maneira as práticas informacionais — entendidas como processos de produção, circulação e apropriação de saberes — podem contribuir para desconstruir estigmas, ampliar a autonomia dos sujeitos e fomentar novas narrativas de masculinidades. O Grupo Operativo Semente Azul, formado por homens em tratamento oncológico em um hospital filantrópico de referência em Salvador, Bahia, configura-se como campo fértil para essa discussão. Ao reunir pacientes que, historicamente, carregam em silêncio as angústias e as incertezas relacionadas ao câncer de próstata, o grupo torna-se um espaço de fala, escuta, troca de experiências e reconstrução de sentidos.

Para alcançar o objetivo proposto, delinearam-se procedimentos metodológicos pautados na propositura de intervenções em contextos hospitalares, tomando como caso ilustrativo o hospital especializado em tratamento oncológico, localizado na capital baiana. A atividade é desenvolvida no âmbito do Projeto Semente Azul, vinculado ao Grupo de Pesquisa Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação (LAPCI), que há anos se dedica a investigar práticas de

cuidado, saúde mental, gênero e informação em diferentes realidades sociais.

Nos encontros do Grupo Operativo, temas como medo, sexualidade, paternidade, religiosidade, autocuidado e expectativas em relação à masculinidade são discutidos de forma horizontal, mediada por profissionais que compreendem a complexidade dessas camadas. Mais do que oferecer informações médicas, o grupo propicia um espaço de construção coletiva de saberes, fortalecendo redes de apoio e estimulando a autonomia dos participantes para dialogar sobre suas dúvidas, temores e expectativas. A troca entre pares revela a potência de transformar a experiência do adoecimento em oportunidade de ressignificação das identidades masculinas.

Assim, é possível afirmar que o trabalho realizado pelo Semente Azul configura-se como prática de mediação informacional interseccional, pois leva em conta as especificidades de homens que, em sua maioria, são oriundos de camadas populares, negros, idosos, muitos deles com baixas escolaridades e com trajetórias de pouca familiaridade com espaços formais de discussão. O ambiente hospitalar, frequentemente percebido como lugar de silêncio, é ressignificado como ambiente de escuta, partilha e elaboração simbólica. É nesse entrecruzamento entre cuidado, informação e subjetividade que se encontram as fissuras pelas quais novas masculinidades podem emergir.

Portanto, a presente comunicação, ancorada no referencial teórico exposto, reafirma que as práticas informacionais, quando pensadas de modo crítico e sensível, têm potencial de contribuir para o enfrentamento das resistências históricas que envolvem a saúde masculina. A aposta em espaços de diálogo, como o Grupo Operativo, é também um convite para revisitar políticas públicas, protocolos institucionais e práticas profissionais, reconhecendo que informar não é apenas transmitir conteúdos, mas construir pontes que possibilitem a circulação de afetos, o acolhimento das fragilidades e a reinvenção de modos de existir.

4 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com método de procedimento monográfico (estudo de caso [Yin, 2005]) e nível da pesquisa descritivo (Köche, 2016), estruturada no encontro de sondagem do Grupo Operativo composto por homens em tratamento para o câncer de próstata. O estudo é desenvolvido no âmbito do Projeto *Semente Azul*, inscrito no Grupo de Pesquisa Laboratório de Práticas em Psicologia e Ciência da Informação (LAPCI), que constitui encontros orientados a discussão de Gênero e novas masculinidades no enfrentamento do câncer de próstata", com o objetivo discutir as implicações psicossociais, culturais e informacionais relacionadas ao adoecimento masculino.

A atividade foi realizada em abril de 2025 e continuará nos meses de maio e junho do citado ano, no domínio de um hospital referência no tratamento de câncer, situado na cidade de Salvador, Bahia (Brasil). Os participantes foram convidados e participam de maneira voluntária e as informações coletadas foram preservadas em conformidade com os preceitos éticos da pesquisa que envolve humanos.

O corpus empírico foi submetido à análise de conteúdo (Bardin, 2016) temática, com o intuito de identificar os sentidos atribuídos à informação relativa ao câncer de próstata, à vivência do corpo adoecido e à sexualidade, considerando os atravessamentos de experiências multiculturais e discursos de gênero.

Os participantes foram convidados a integrar o Grupo Operativo de maneira voluntária, mediante convite ético e transparente, em consonância com os princípios que regem pesquisas envolvendo seres humanos, conforme estabelece a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

O sigilo e o anonimato foram assegurados nas etapas previstas para a estruturação do projeto *Semente Azul*, que perpassou pela coleta de dados e informações à análise dos dados prévios, respeitando a integridade emocional e a privacidade dos relatos. A

adesão espontânea, *per si* revela uma demanda latente por espaços de acolhimento, diálogo e elaboração de vivências que, em muitos casos, permanecem reprimidas no universo masculino.

Os encontros foram planejados e conduzidos como momentos de diálogo horizontal, estruturados por temas norteadores previamente definidos no escopo do projeto, como indicados a seguir:

Encontro: 11 de abril 2025 – Tema central: Histórias, Vivências e Adoecimento

Objetivo:

- *Elaborar uma linha histórica do paciente, com o propósito de acessar narrativas pessoais e emocionais relacionadas ao início do adoecimento;*

- *Explorar aspectos subjetivos e sociais – como as relações com a família e amigos - das vivências masculinas diante ao adoecimento, como tabus, silenciamentos ou emoções reprimidas/ não elaboradas;*

- *Assegurar a expressão livre dos pacientes atinente a possíveis “novas masculinidades”.*

Encontro: 25 de abril 2025 – Tema central: Masculinidades em Cena!

Objetivos:

- *Compreender as percepções dos participantes relativas à masculinidade e possíveis ressignificações [novas elaborações], a partir da vivência do adoecimento/ tratamento – valores, crenças e referências que sustentam suas identidades masculinas;*

- *Investigar como o processo de tratamento, especialmente cirúrgico, impactou a autopercepção dos participantes atinente à masculinidade, perfazendo sentimentos, transformações do corpo, virilidade, autonomia e papel social;*

- *Analisar a interferência das normas e expectativas sociais acerca do comportamento masculino diante ao adoecimento, evidenciando possíveis conflitos entre vulnerabilidade, silêncio emocional e arquétipos de virilidade associados à figura masculina;*

Encontro: 09 de maio 2025 – Tema central: Masculinidades e sexualidade: desafios e novas perspectivas.

Objetivos:

- *Investigar a existência e a qualidade dos espaços de diálogo entre homens sobre sentimentos, dúvidas e desejos sexuais, identificando barreiras e possibilidades para a expressão emocional no contexto das relações masculinas*

- *Compreender as transformações pessoais e sociais vivenciadas por homens que passam a repensar as normas tradicionais de masculinidade, especialmente no enfrentamento do câncer de próstata e na ressignificação de seus papéis de gênero;*

- *Identificar aspectos que os participantes desejam ajustar ou transformar em relação às concepções de masculinidade e sexualidade, considerando o impacto do tratamento oncológico e as novas percepções sobre o próprio corpo e identidade.*

Encontro: 23 de maio 2025 – Tema central: Projeto e Continuidade de Vida

Objetivos:

- *Estimular a reflexão sobre o impacto pessoal do projeto, promovendo um espaço de valorização dos saberes construídos e das transformações vividas. Além disso, favorece o fortalecimento da autoestima e da percepção de continuidade no cuidado com a saúde e na construção de novos projetos de vida;*

- *Reconhecer que, mesmo diante do tratamento e das dificuldades, há espaço para sonhar, criar e seguir em frente, consolidando o sentido de “colher novos frutos”;*

- *Propor um movimento de acolhimento e solidariedade, fortalecendo a ideia de rede de apoio entre os pacientes. Além disso, permite que os participantes se percebam como agentes de inspiração e transformação, reforçando a continuidade não apenas pessoal, mas coletiva do projeto.*

As discussões contemplaram desde os sentidos atribuídos à informação relativa ao câncer de próstata até questões mais subjetivas, como o impacto do adoecimento na percepção do corpo, na vivência da

sexualidade e nas relações de cuidado de si e com o outro. Foram também abordadas dimensões culturais que atravessam as masculinidades, tensionando normas de silêncio, autossuficiência e invulnerabilidade que, historicamente, moldam o imaginário masculino em torno da saúde.

Em cada reunião, participaram, em média, seis homens, configurando um grupo pequeno, o que favoreceu o ambiente intimista e a escuta ativa qualificada. O corpus empírico, constituído pelas narrativas e compartilhamento simbólicos entre os participantes, foi submetido à análise de conteúdo temática. A abordagem em tela visou apreender os sentidos construídos coletivamente, evidenciando como os discursos de gênero e as experiências multiculturais se articulam na forma de interpretar, buscar e apropriar-se da informação.

Ao criar um espaço de sondagem dialógica, o Grupo Operativo não apenas ofereceu suporte psicossocial aos participantes, mas também gerou subsídios importantes para refletir sobre práticas informacionais voltadas ao público masculino, especialmente em contextos de adoecimento. As discussões, cuidadosamente mediadas, permitiram que emergissem relatos sobre medos, estigmas e resistências, bem como estratégias de enfrentamento e redes de apoio que se constroem, muitas vezes, à margem das práticas institucionais tradicionais.

Dessa forma, a pesquisa não se limita a descrever um fenômeno, mas propõe-se a compreender, de forma situada e sensível, as interfaces entre informação, saúde e gênero, reconhecendo que o acesso e a apropriação de informações em saúde são processos profundamente atravessados por valores culturais, experiências prévias e relações de poder. Assim, a investigação se insere no compromisso ético-político de ampliar espaços de escuta e diálogo, contribuindo para desconstruir estereótipos que ainda circunscrevem o cuidado masculino a zonas de silêncio, negando sua dimensão afetiva, emocional e relacional.

5 Resultados da Primeira Etapa da Estruturação do Projeto Semente Azul

O Projeto *Semente Azul* remete à campanha Novembro Azul, mês reservado à conscientização do câncer de próstata, com o objetivo de alertar para a importância do diagnóstico precoce da citada neoplasia maligna.

Os relatos preliminares analisados apontam para a existência de barreiras simbólicas e subjetivas no enfrentamento do câncer de próstata. A análise de conteúdo das narrativas dos participantes do Projeto Semente Azul foi realizada conforme os procedimentos sistemáticos propostos por Laurence Bardin (2016), envolvendo três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A partir dessa perspectiva, as falas foram organizadas em categorias temáticas que evidenciam aspectos centrais da vivência dos homens com câncer de próstata, articulando dimensões da saúde, masculinidades e subjetividades:

4.1 Pré-análise: definição das categorias:

Com base na leitura flutuante dos relatos, emergiram quatro categorias principais: (1) Ressignificação das masculinidades, (2) Sexualidade e afetividade no contexto do adoecimento, (3) A informação como ferramenta de enfrentamento e (4) Solidariedade e suporte psicossocial. Estas categorias orientaram a codificação das unidades de registro, buscando captar a essência das manifestações discursivas dos participantes.

4.2 Exploração do material: codificação e categorização

Categoria 1: Ressignificação das masculinidades

Os relatos apontam uma profunda revisão das concepções tradicionais de masculinidade. O enfrentamento do câncer de próstata obrigou os pacientes a revisitar valores culturalmente cristalizados, como a associação entre virilidade e potência sexual. As narrativas foram emblemáticas nesse

sentido, ao afirmar que "a ereção não constitui elemento central" em sua relação afetiva, evidenciando a emergência de novas formas de expressão da masculinidade, pautadas no afeto, no cuidado e na presença.

Alguns pacientes expressaram que "o pênis continua a pulsar, mas não responde com a ereção satisfatória para a penetração", reconhecendo o desafio de reconstruir sua identidade diante da disfunção erétil e da incontinência urinária. A expressão "muda tudo", proferida por um paciente, sintetiza a percepção dos homens sobre o impacto transformador do adoecimento na sua autoimagem e no seu papel social.

A categoria em tela evidencia que o câncer de próstata atua como catalisador para a revisão de modelos tradicionais de masculinidade, pautados na força, na virilidade sexual e no autocontrole emocional. A fala "muda tudo" sintetiza não apenas o impacto físico da doença, mas também o abalo de um edifício simbólico que sustentava a identidade masculina desses homens.

Essa constatação dialoga com estudos contemporâneos que apontam a masculinidade como uma construção social, relacional e mutável. Não se trata, portanto, de uma essência imutável, mas de um desempenho sujeito à negociação permanente. Ao confrontarem a disfunção erétil, a incontinência urinária e o medo da morte, esses homens são forçados a elaborar novas formas de ser e estar no mundo, frequentemente mais sensíveis, afetivas e cuidadosas.

Há aqui um movimento ambivalente: se por um lado alguns participantes resistem à quebra de expectativas normativas (como no caso do constrangimento com o toque retal ou a vergonha de urinar sentado), por outro, muitos demonstram um reposicionamento frente a sua sexualidade, afetividade e relações sociais. A pluralização das masculinidades se manifesta na revalorização de gestos simples como o diálogo com amigos, a proximidade com a parceira e a abertura ao cuidado psicológico.

Categoria 2: Sexualidade e afetividade no contexto do adoecimento

A sexualidade aparece como tema central e transversal, sendo tratada com honestidade e complexidade pelos participantes. Práticas como masturbação, sexo oral e o uso da Tadalafila são relatadas não apenas como estratégias para manter uma vida sexual ativa, mas como mecanismos de afirmação da identidade masculina frente às limitações impostas pelo tratamento. A masturbação constituiu como prática de resignificação, reafirmando sua satisfação com o corpo e com o desejo.

Muitos participantes relataram constrangimento ao realizar o exame de toque retal, associado à concepção de violação da masculinidade. Também foram evidenciadas resistências à utilização de medicamentos para disfunção erétil, como a Tadalafila, por receio de estigmatização ou perda de autonomia sexual.

Ao mesmo tempo, os relatos expõem tensões e desconfortos, como a incontinência urinária, e o impacto do vazamento de urina na corporal. Muitos pacientes admitiram que "não eram mais um menino de trinta anos". Essas falas revelam a íntima ligação entre corpo, sexualidade e identidade, demandando abordagens terapêuticas sensíveis a essas interseccionalidades.

Assim, a categoria revela que o câncer de próstata afeta diretamente o modo como esses homens percebem e habitam seus corpos. O corpo doente, marcado por sequelas como a impotência e a incontinência, é também o corpo afetivo, desejante e simbólico. As práticas sexuais alternativas, como a masturbação e o sexo oral, aparecem como recursos não apenas físicos, mas de resistência simbólica, reafirmação da identidade e da dignidade.

A sexualidade, nesse contexto, transcende o coito reprodutivo e penetrativo — fortemente associado à performance da masculinidade hegemônica — e passa a ser entendida como um campo de trocas afetivas, cuidados mútuos e prazer compartilhado. Essa ampliação do conceito de sexualidade é fundamental para promover uma saúde integral e humanizada,

rompendo com a lógica biomédica que muitas vezes ignora os aspectos subjetivos da experiência do adoecimento.

Também é necessário destacar que a sexualidade dos homens idosos ainda é, muitas vezes, negligenciada ou estigmatizada. Os relatos mostram como a persistência do desejo — mesmo diante das limitações fisiológicas — exige um acolhimento ético e profissional livre de moralismos ou reducionismos. O corpo, nesse processo, é resignificado como território de luta, memória e afeto.

Categoria 3: A informação como ferramenta de enfrentamento

A importância da informação é destacada como recurso fundamental para mitigar o sofrimento psíquico e fortalecer a autonomia no tratamento. Os pacientes reconhecem que procurar "informações específicas à equipe médica" reduz sua ansiedade e o autoriza a seguir aderente à terapia. A relevância das informações obtidas com a equipe médica e na internet para desconstruir a visão inicial do diagnóstico como "sentença de morte". A informação, neste contexto, transcende o caráter biomédico e assume função terapêutica, proporcionando aos participantes uma maior compreensão e controle sobre o processo de adoecimento.

Na categoria emerge a centralidade da informação na gestão do adoecimento. A busca por conhecimento técnico, biomédico e psicológico não é apenas racional: é profundamente afetiva. Saber sobre a doença, entender os efeitos dos medicamentos, compreender os riscos e as possibilidades de tratamento transforma o medo em ação, o desconhecido em enfrentamento.

No presente ponto, a interseção com a CI é evidente. A apropriação informacional é vista aqui como um processo ativo e subjetivo, no qual os sujeitos se apropriam de conteúdos de forma crítica, incorporando-os à sua vida prática. A informação, portanto, atua como mediadora do empoderamento e da autonomia dos pacientes — o que é especialmente relevante em um sistema de saúde ainda marcado por hierarquias de saber

e por uma comunicação, muitas vezes, verticalizada.

A informação também tem papel terapêutico, aliviando ansiedades, estimulando adesão ao tratamento e fortalecendo o vínculo entre paciente e equipe de saúde. No entanto, não basta que a informação exista: ela precisa ser acessível, compreensível e respeitosa das singularidades culturais, sociais e subjetivas dos pacientes.

Categoria 4: Solidariedade e suporte psicossocial

Todos os participantes reconhecem a importância do grupo como espaço de acolhimento, troca e fortalecimento. Os pacientes destacaram que o convívio com amigos "que passaram pela mesma situação" foi fundamental para o enfrentamento da doença. Os relatos demonstram que o grupo favorece a superação do isolamento, estimula o compartilhamento de experiências e fortalece a capacidade de resiliência dos participantes.

A categoria mostra que os grupos de apoio constituem-se como espaços de subjetivação coletiva e reconstrução simbólica. O Projeto Semente Azul funciona como um dispositivo que articula informação, acolhimento e escuta ativa, permitindo que os participantes compartilhem suas dores, dúvidas e esperanças.

A fala de que "conversar com quem passou pela mesma situação" é reconfortante reforça o valor terapêutico das redes de apoio entre pares. Nesse sentido, o grupo não substitui o tratamento médico, mas complementa-o, atuando na dimensão emocional e simbólica da experiência do adoecimento. O grupo promove pertencimento, reduz o estigma e potencializa a resiliência dos participantes.

Essa função psicossocial é ainda mais importante quando se considera que os homens, em geral, têm maior resistência à procura por ajuda emocional e psicológica, fruto de uma socialização de gênero que associa masculinidade à invulnerabilidade. Ao

oferecer um espaço seguro, o Projeto Semente Azul rompe com esse paradigma, ao mesmo tempo que promove um novo modelo de masculinidade — mais sensível, colaborativo e reflexivo.

4.3 Tratamento dos resultados e interpretação: síntese crítica

A análise evidencia que o Projeto Semente Azul promove um ambiente propício para a expressão de subjetividades frequentemente silenciadas nas práticas tradicionais de saúde, especialmente no que concerne à sexualidade e às emoções masculinas. O grupo se configura como dispositivo de mediação informacional e psicossocial, possibilitando que os homens desestabilizem normas rígidas de masculinidade e ampliem sua compreensão sobre saúde, autocuidado e afetividade.

A perspectiva de Bardin (2016) reforça que a análise de conteúdo não se limita a uma contagem de frequência de palavras ou expressões, mas busca compreender os sentidos latentes e manifestos nos discursos. Nesse sentido, as falas analisadas revelam não apenas um percurso de adoecimento, mas um processo ativo de elaboração simbólica, no qual o câncer de próstata é ressignificado como oportunidade de crescimento pessoal, fortalecimento de vínculos e reelaboração de projetos de vida.

Ainda que persistam resistências, como a fala de Carlos ao não apoiar a homossexualidade ou o relato de vergonha diante da necessidade de urinar sentado, as experiências relatadas apontam para uma masculinidade mais plural e reflexiva, em construção contínua.

A análise também evidencia a relevância do Projeto Semente Azul enquanto prática extensionista que articula informação, saúde e subjetividade, promovendo não apenas o enfrentamento clínico da doença, mas sobretudo, um cuidado integral e humanizado. A metodologia proposta pelo grupo, ancorada na escuta qualificada e no acolhimento, materializa uma abordagem ética e sensível,

alinhada aos pressupostos contemporâneos da promoção de saúde e dos direitos humanos.

Assim, a análise sugere que o modelo desenvolvido pelo Projeto Semente Azul poderia ser replicado em outras instituições de saúde, constituindo-se como referência para práticas interdisciplinares voltadas à promoção da saúde masculina, à desconstrução de estigmas e ao fortalecimento da autonomia informacional e emocional de homens em tratamento oncológico.

Demais relatos revelam reconfigurações positivas na construção da masculinidade. Participantes descreveram uma maior proximidade emocional com suas companheiras, maior expressividade afetiva e interesse em dialogar com amigos acerca da importância dos exames preventivos. O acesso à informação qualificada, mediado por profissionais de saúde — como psicólogos —, pesquisas desenvolvidas no esteio da CI e grupos terapêuticos, mostrou-se fundamental para a ressignificação das experiências apresentadas em tela.

6 Considerações finais

Os resultados parciais indicam que a vivência do câncer de próstata por homens brasileiros é permeada por construções sociais de gênero, por condições históricas marcadas pela colonialidade e por uma diversidade cultural que desafia os modelos normativos de cuidado.

A articulação entre Psicologia e CI permite compreender como os sujeitos negociam sentidos direcionados à saúde, ao corpo e à sexualidade, e como a informação pode reforçar estigmas ou promover autonomia e bem-estar nos indivíduos.

A análise empreendida no artigo em tela evidencia que os itinerários informacionais de homens em tratamento do câncer de próstata são atravessados por marcas simbólicas das masculinidades hegemônicas, que tendem a restringir a expressão emocional, o autocuidado e a procura por informações em saúde. A

escuta qualificada, mediada por práticas psicossociais como o Projeto Semente Azul, evidencia-se essencial para o deslocamento dos padrões sedimentados e para a construção de vínculos horizontais com a informação e com o cuidado.

Assim, é possível endossar que as práticas informacionais partem de dimensões subjetivas, afetivas e socioculturais, que perpassam a experiência do adoecimento, e que o acesso à informação, quando mediado de maneira ética e sensível, poderá facultar para a ressignificação da doença e o fortalecimento da autonomia dos sujeitos.

No âmbito das limitações do estudo, agora apresentado, enfatiza-se a delimitação amostral, composta exclusivamente por homens em tratamento no contexto específico de um hospital público da cidade de Salvador (Bahia/Brasil), o que restringe a generalização dos resultados para demais realidades socioculturais devido ao caráter qualitativo da pesquisa, com base em observação participante e relatos em grupo (pautadas na experiências dos participantes), as análises assumem um caráter interpretativo, ainda que alicerçado em referenciais teóricos consistentes.

Como agenda de pesquisa futura, propõe-se a ampliação das investigações atinentes a atravessamentos que envolvam informações, masculinidades e saúde mental, com especial atenção às dimensões relacionadas a práticas informacionais em contextos de vulnerabilidade. Sugere-se, ainda, o desenvolvimento de estudos comparativos entre diferentes recortes etários, étnico-raciais e territoriais, com o propósito de compreender as especificidades que compõem o universo masculino diante ao câncer de próstata e à circulação de informações em saúde.

O Projeto Semente Azul facultará a replicação do grupo operativo em demais instituições de saúde, especialmente na atenção primária e nos serviços

especializados em oncologia. A formação dos referidos grupos, com base em metodologias participativas, informacionais e humanizadas, poderá contribuir significativamente para a promoção da saúde masculina e a desconstrução de estigmas associados ao câncer de próstata.

Considera-se oportuno aprofundar a análise relacionada aos efeitos psíquicos da desinformação e da ansiedade informacional no contexto oncológico, especialmente entre sujeitos socialmente mais expostos à exclusão simbólica e comunicacional.

7 Referências

Bardin, L. *Análise de Conteúdo* São Paulo: Edições 70, 2016.

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução no 510, de 7 de abril de 2016*. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

COELHO, Gerson Maciel et al. Abordagens atuais no diagnóstico, tratamento e prognóstico do câncer de próstata: revisão. *Journal of Medical and Biosciences Research*, v. 2, n. 2, p. 688–697, 2025. Disponível em: <https://journalmbr.com.br/index.php/jmbr/article/view/651/522>. Acesso em: 20 maio 2025.

Gomes, R.; Nascimento, E. F.; Rebello, L. E. F.; Araújo, F. C. (2008). As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. *Ciênc. saúde coletiva* 13 (6).

Instituto Nacional de Câncer (INCA). *Estimativa 2023: Incidência de Câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: INCA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros/estimativa>. Acesso em: 15 maio 2025.

Köche, J. C. (2016). *Fundamentos de metodologia científica*. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

YIN, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e método*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman.

MATOS, Widson Davi Vaz de; PALMEIRA, Iaci Proença; FERREIRA, Márcia de Assunção; PACHECO, Mayara Del Aguila. (2024) Vulnerabilidades e estereótipos masculinos nas representações sociais das causas do adoecimento por câncer de próstata. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 9, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2024.v40n9/e00175123/pt/> . Acesso em: 20 maio 2025.

Oliveira, A. C.; Brito, L. T.; Lopes, P. V. L. (2023). Masculinidades plurais. *O Social em Questão* - Ano XXVI - nº 55 – Jan/ Abr

Pamplona, R. S., & Barros, B. W. (2021). As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (95). <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/115>

Santos, E. L. dos, & Nascimento Neto, A. C. (2023). Lacuna cognitiva da apropriação social da informação no Brasil. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, 17(publicação contínua). <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/14341>

Tavares, M. L.; Silva, A. G. ; Oliveira, A. R. ; Lana, A. C. ; Dorés, U. E. P. T. (2020). Currículo, gênero e escola: a construção das masculinidades no contexto da educação profissional e tecnológica. *Anais II Jornada Norte-Nordeste de Gênero e Sexualidade na Educação Profissional e o II Colóquio Marielle Franco de Direitos Humanos & Diversidade*. Natal: IFRN, 2020. v. 1